

**APRESENTAÇÃO DA SÉRIE  
IGREJA**

**Esta série reúne filmagens relacionadas a agentes religiosos envolvidos em situações de luta pela terra e a afirmação dos direitos humanos.**

**Atualmente compõe-se de um ato em homenagem a Madre Cristina, Padre Francisco e Padre Aristide através da entrega da Medalha Anchieta (1984) e da cerimônia oficial do título Doutor Honoris Causa para Dom Pedro Casaldaliga (2000).**

NÚCLEO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA SOBRE  
MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO CAMPO  
CPDA/UFRRJ

**DADOS DO VÍDEO:**

**TÍTULO:** Ato em homenagem a Madre Cristina e outros (SP, 1984)

**CONTEXTO DE PRODUÇÃO:** Ato em homenagem a Madre Cristina, Padre Francisco e Padre Aristide através da entrega da Medalha Anchieta.

**DATA:** 1984

**LOCAL:** São Paulo

**ROTEIRO:** ( ) SIM ( ) NÃO

**OBSERVAÇÕES:**

**CLASSIFICAÇÃO:**

**FUNDO:** Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

**SETOR:** Audiovisual

**CONJUNTO:** Reportagens

**SÉRIE:** Igreja

**MATERIAL:**

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep IG.madcri	29min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

**REMISSIVAS:**

**DESCRITORES:**

Direitos sociais  
Ditadura militar (1964 – 1985)  
Instituto Sedes Sapientiae  
Madre Cristina (militante)  
São Paulo  
Violência no campo

**SUMÁRIO:**

- **Imagens:** auditório cheio; cartaz “Pelos direitos humanos – Fim da LSN, SNI, Getat e toda repressão”; cartaz “Pelos direitos humanos – Fim do desemprego e do arrocho salarial”; cartaz “Pelos direitos humanos – Fim do massacre de trabalhadores no campo”; cartaz “Pelos direitos humanos – Prisão do cabo Bruno e do assassino de Santos Dias”; Hino Nacional brasileiro

**Orador – Lembra período entre 1974 e 1979:** discussões a respeito das propostas para a melhoria das condições carcerárias e libertação de presos políticos; lembra censura da imprensa e busca pela verdade dos fatos; fala sobre papel da imprensa aos clandestinos políticos; fala sobre militância e influências de Madre Cristina: lembra homenagem a um assassinato político e inauguração do Centro de Habitação Alexandre Vanuch Leme no Instituto Sedes Sapientiae; lembra sobre sua atuação como advogado de presos políticos; comenta sobre origem do movimento feminino pela anistia – afirma ser obrigação a conferência da medalha Anchieta à Madre Cristina; comenta sobre medalha.

- **Imagens:** apresentação dos participantes do evento.

**Orador 2 – Faz referência à líder metalúrgico assassinado em 1979;** fala sobre injustiças e discriminações a trabalhadores, negros, índios, mulheres; explica homenagem feita ao Padre Francisco, Padre Aristide e Madre Cristina.

**Oradora 1 – Comenta sobre violência no Brasil e luta pela terra em Belém do Pará;** explica porque luta pela terra é questão de vida ou morte (corte de gravação).

- **Imagens:** entrega das medalhas aos homenageados; discurso sobre valor da homenagem;

**Madre Cristina – Relaciona data da homenagem com o aniversário da proclamação dos direitos universais dos humanos;** afirma existência de contradições no mundo; fala sobre ausência de direito a ter direitos de “irmãos” brasileiros e explicita com exemplos; expõe contradições da realidade brasileira que remove os direitos sociais: fome, ausência de direito à habitação, à educação, ao trabalho, ao voto; critica PNH – Política Nacional de Habitação; defende reforma agrária controlada pelo índio e pelo trabalhador; defende o julgamento dos anos de ditadura militar; cita inimigos do povo; comenta sobre luta de classes: fruto de uma classe exploradora dominante; cita exemplo de Nicarágua; afirma que compromisso maior dos presentes é com a revolução brasileira; afirma que pratica do amor ao próximo se confunde com revolução e que

sem estes dois o Brasil emergirá do capitalismo selvagem – busca por um sistema socialista mais humano.

(corte de gravação)

- Imagens: auditório; discurso sobre atuação da polícia (corte de gravação).

NÚCLEO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA SOBRE  
MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO CAMPO  
CPDA/UFRRJ

**DADOS DO VÍDEO:**

**TÍTULO:** Título Doutor Honoris Causa Dom Pedro Casaldaliga (2000)

**CONTEXTO DE PRODUÇÃO:** Cerimônia oficial – Assembléia Universitária Extraordinária – para outorga do Título de Doutor Honoris Causa a Dom Pedro Maria Casaldáliga i Pla (Bispo de São Félix do Araguaia).

**DATA:** 24/10/2000

**LOCAL:** UNICAMP, SP

**ROTEIRO:** ( ) SIM ( ) NÃO

**OBSERVAÇÕES:** Título conferido em 28/03/2000 ao bispo Dom Pedro Maria Casaldáliga i Pla.

**CLASSIFICAÇÃO:**

**FUNDO:** Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

**SETOR:** Audiovisual

**CONJUNTO:** Reportagens

**SÉRIE:** Igreja

**MATERIAL:**

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep IG.dpmc	DVD1 – 2h2min DVD2 – 41min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

**REMISSIVAS:** Há também, disponível no acervo, entrevista com Dom Pedro Casaldáliga, publicada na *Revista Teoria e Debate*. Ver em: MSPP/en.IG.cli.dpc

**DESCRITORES:**

Antônio Canuto (secretário nacional CPT)  
CPT - Comissão Pastoral da Terra  
Ditadura militar (1964-1985)  
Dom Pedro Casaldáliga i Pla (bispo católico)  
Escola Cidadã  
Eunice Dias de Paula (pedagoga indigenista)  
Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo  
Francesc Escribano (jornalista)  
Francesc Escribano (professor UAB)  
Hermano Medeiros Ferreira de Tavares (reitor Unicamp)  
Hidrovia Araguaia-Tocantins (MT)  
José Raimundo Ribeiro da Silva (assessor pedagógico Luciara/MT)  
Latifúndio  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
Luciara (MT)  
Luta pela terra  
Manoel Carajá (cacique Aldeia São Domingos)  
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
Parque Nacional do Araguaia  
Parque Nacional do Xingu  
Paulo Celso Miceli (diretor do IFCH/Unicamp)  
Paulo Solero (Secretário Geral da Unicamp)  
Pedagogia libertadora (Paulo Freire)  
Questão agrária  
Questão ambiental  
Questão fundiária  
Questão indígena  
Reforma Agrária  
Rio Araguaia (PA)  
Sérgio Benácio (vereador)  
Sintego – Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Mato Grosso  
UAB – Universidade Autônoma de Barcelona  
Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

**SUMÁRIO:**

Abertura da mesa por Hermano Medeiros Ferreira de Tavares (reitor Unicamp): apresentação da mesa; entrada de Dom Pedro Casaldáliga; declaração oficial da abertura da Assembléia Universitária Extraordinária para outorga do Título de Doutor Honoris Causa a Dom Pedro Maria Casaldáliga i Pla.

Apresentação do Hino Nacional Brasileiro; destaque à presença de Gilmar Mauro, Coordenador Nacional do MST e do vereador Sérgio Benácio; declamação do texto de Frei Beto em homenagem a Dom Pedro; convite do Professor Paulo Solero (Secretário Geral da Unicamp) para leitura do termo de compromisso; entrega oficial do título feita pelo reitor da Unicamp ao bispo; saudação ao bispo por um representante do MST – agradecimento da ação do bispo para

norteamento da luta pela reforma agrária e entrega da bandeira do Movimento ao bispo; registro da participação de 20 organizações camponesas de nove países da América Latina (Brasil, Chile, Paraguai, Argentina, México, Nicarágua, Peru, Equador e Colômbia) e da delegação da Escola Nacional do MST do Espírito Santo; convite ao professor doutor Paulo Celso Miceli, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, para saudar ao bispo.

Paulo Celso Miceli (diretor do IFCH/Unicamp) – Citação da ação do bispo pela preservação dos rios Tocantins e Araguaia ameaçados pela construção de uma hidrovía interdita pela justiça; breve histórico do bispo: chegada ao Brasil em 1968, integração ao campo de luta social do Araguaia, denúncias realizadas por Casaldáliga, repercussão midiática, exílio; contraposição da beleza natural e da situação socioeconômica encontrada no Araguaia; elogios ao bispo.

Dom Pedro Casaldáliga – Comenta que é a primeira vez que uma universidade no mundo dá o Título de Doutor Honoris Causa a um rio; diz que Araguaia é uma palavra carregada de símbolo, de história, de sangue; de sonhos; afirma ter a plena convicção de que o título está sendo entregue a esse plural, Araguaia; lembra que as pessoas presentes na Assembléia também arriscaram suas vidas no Araguaia, mesmo aqueles a distância; agradece em nome do Araguaia a essas pessoas; celebra a titulação honorífica ao Araguaia; agradece à Unicamp e amigos que possibilitaram essa história e que continuaram sendo solidários para que o Araguaia seja um rio vivo, não um canal morto; cita lutas realizadas na região: contra ideologia Araguaia-Tocantins, a serviço da causa indígena e da reforma agrária.

Hermano Tavares (Reitor da Unicamp) – Saúda os presentes, elogia forma de atuação de Casaldáliga; cita lutas e defesas realizadas por ele; fala do papel importante da universidade pública como responsável pela formação de algumas lideranças políticas e sociais da sociedade brasileira; contextualiza importância das aulas de Casaldáliga; introduz momento da aula magna de Casaldáliga com o título de “Na paixão pela Utopia”.

Dom Pedro Casaldáliga – Inicia agradecendo o título recebido; comenta nome do título recebido, relaciona-o a uma “Passiones Causa” e ao título da palestra que então ministra; agradece ajuda que ele, a Igreja de São Félix do Araguaia e o povo da região tem recebido pela Unicamp e por voluntários; cita atuação do jornalista Antônio Carlos Moura Ferreira e a tradução feita por este do livro “Descalço por uma terra vermelha”; explica relação feita anteriormente com o nome do título recebido por ele ao termo paixão: paixão pela utopia, paixão desatualizada, paixão da esperança, paixão pela humanidade (filha de Deus); comenta o conceito de utopia utilizado no título de sua palestra, não como u-topia (não-lugar), mas como eu-topia (lugar-outros), um lugar de igualdade na dignidade, nos direitos e nas oportunidades, características que fará a humanidade uma; proclama o Evangelho como a utopia maior, a qual é proposta pela sabedoria de Deus que é amor e vida; cita frase “Yo soy el día de hoy” e a relaciona a uma corresponsabilidade pessoal e histórica; fala sobre movimento em busca dessa utopia, cita grupos envolvidos nessa busca; comenta artigo de Marciano Vidal, “A Ética como sinal de esperança”; afirma a idéia de esperança como utopia; chama atenção para o subtítulo do artigo, “A bondade do coração da gente simples”; fala sobre a maneira de assumir a realidade corresponsavelmente, a empatia compassiva, a solidariedade, a contestação da competitividade do lucro, entre outros; afirma que a utopia está em construção, que a esperança é dos que caminham e agem; transfere o conceito de utopia para uma utopia na universidade: universidade de valores e de compromissos e não de privilégios e interesses; proclama que o povo possa conquistar a universidade como se conquista a terra; declama poema de Oscar Campana; afirma que a utopia é sonho, serviço; cita Marcuse: a esperança foi dada para servir

aos desesperançados; diz que a humanidade não é suicida, tem genética divina; cita parábola de Eduardo Galeano: não só fazemos caminho, somos caminho; comenta a historicidade da humanidade; conclui palestra agradecendo o título recebido.

- Presentes cantam juntos “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré).
- Apresentação do Coral Unicamp Ziper na Boca, regência de Vivian Nogueira, homenageando o bispo Dom Pedro de Casaldáliga i Pla com peças indígenas.

Mesa redonda: “A luta pela Terra na região do Araguaia” com Antônio Canuto (secretário nacional da CPT – Comissão Pastoral da Terra); “A educação indígena bilingue e bicultural” com Eunice Dias de Paula (pedagoga indigenista); Francesc Escribano (jornalista / professor da UAB – Universidade Autônoma de Barcelona / autor da biografia “Pedro descalço sobre a terra vermelha”); “Educação na construção da Escola Cidadã do Araguaia” com José Raimundo Ribeiro da Silva (professor e assessor pedagógico do Município de Luciara/MT); “Luciara, as lutas atuais do povo Carajá” com Manoel Carajá (advogado / cacique da Aldeia São Domingos).  
Abertura para as falas:

Antônio Canuto – Inicia falando que a mesa redonda está composta de pessoas que convivem com a luta diária na região entre o Araguaia e o Xingu, no norte/nordeste do Estado do Mato Grosso; afirma que a história do Araguaia vincula-se à da luta pela terra na região; período de chegada do bispo à região (1968): expansão do capitalismo, criação das grandes empresas agropecuárias com incentivos fiscais, necessidade de que as pequenas povoações e populações indígenas cedessem seus espaços para essa expansão capitalista, emprego de mão-de-obra vinda do nordeste muitas vezes em sistema de regime de trabalho escravo; criação da prelazia do Araguaia (1970/71): posicionamento da Igreja ao lado do posseiro, do índio e do peão; dia da sagração de Dom Pedro como bispo: publicação de uma carta pastoral de denúncia de todos os conflitos e injustiças em relação aos índios, aos posseiros; documento que chamou a atenção da igreja e do regime militar – criação da censura a qualquer ação ou movimentação; ocorrência de conflitos sérios, prisões, agentes de pastoral presos e torturados e o bispo Dom Pedro sob prisão domiciliar; afirma que essa luta se prolonga até hoje devido à dominância do latifúndio na região; cita fazendas que se estruturaram a partir dessa repressão às populações; polarização da situação: fazendeiros e empresários contra posseiros e indígenas – não havia meio termo; início dos anos 1970: incentivo do governo à criação das colonizações particulares; cita trabalho de pesquisa de um geógrafo da USP que afirma que a criação de colonizações serviu para amortecer os conflitos na região; afirma que a partir dessas lutas pela terra houve a formação de municípios; explicita organização geopolítica da região nesse período: Luciara como único município, existência dos povoados de Santa Terezinha e Porto Alegre do Norte, São Félix como distrito de Barra do Garças, aparecimento de novos povoados a partir da ação da prelazia; afirma que a situação deixou de ser tão densa, que muitas áreas já foram resgatadas e recuperadas – ocupadas por trabalhadores; fruto da ação de 1961 a 1976: cita nomes dos 15 municípios que surgiram, Parque Nacional do Araguaia, áreas de reservas indígena, Parque Nacional do Xingu; comenta situação indígena; comenta desafio atual: produção – existência de 49 assentamentos na região, 10.121 famílias de diferentes origens, ausência de apoio técnico, impossibilidade de comercialização, alto valor do frete, baixa fertilidade do solo; atuação da CPT: incentivo aos sistemas agroflorestais – tentativa de recomposição das condições originais; existência do problema da hidrovia: ação sobre o meio ambiente, inverdade sobre ser melhor forma de escoamento de produtos; defende campanha contra a hidrovia; ação de confronto ao latifúndio: CPT nacional junto com o Fórum Nacional pela Reforma Agrária lançou a campanha pelo limite máximo da propriedade; explica e defende campanha.



Eunice Dias de Paula – Chegada na região em 1973 para assumir escola para indígenas; diz que nunca havia trabalhado com a população indígena até então; reivindicação principal na época: escola que ajudasse na luta pela terra; explica surgimento dos conflitos em áreas ocupadas por indígenas; diz que no período indígenas possuíam pouco domínio da língua portuguesa; afirma que contato com não-indígenas por essa população ocorreu por volta dos anos de 1950; explica diminuição da população indígena e afirma que possibilidade de sobrevivência ocorreu pela ação de religiosas que foram conviver com eles em 1952: com atendimento à saúde, de 47 habitantes cresceram para 500; afirma dificuldade em recompor uma população; comenta ação atípica das religiosas ao não instalar escolas; afirma que escola surgiu no momento em que os indígenas a demandaram para ajudar na luta pela terra; cita necessidades concretas de aprendizado: compreensão do português, do uso de mapas; diz que trabalho na escola se iniciou com a metodologia do Paulo Freire; comenta troca de conhecimentos ocorrida com os indígenas; pedido posterior de escolas para as crianças, imposição também feita pela Funai; início de um processo de formação de professores indígenas; cita cooperação da Unicamp nesse processo; formação de um currículo próprio da escola Tapirapé; diz que a educação indígena atualmente está garantida na Constituição Federal, na LDB, mas que ainda é uma luta para chegar no concreto; comenta luta pela terra discutida por Antônio Canuto: processo de despopulação transferiu indígenas da sua região originária da serra do Urubu Branco; desejo de reconquistar área perdida para os fazendeiros, área considerada sagrada para os indígenas; 2000: retirada das últimas três fazendas dessa região; explica importância das escolas nas aldeias; luta pela sobrevivência da língua tapirapé – papel fundamental da escola.

Francisc Escribano – Explica que livro é sobre as causas da vida de Dom Pedro Casaldáliga; reproduz fala do bispo sobre o que deveria ser o livro: “as minhas causas valem mais que a minha vida”; comenta o título do livro; (mudança de DVD); agradece ao bispo por ter aberto seus olhos e diz que gostaria que o livro abrisse os olhos de quem o lesse; fala sobre realização do sonho de traduzir o livro para o português; diz que esse sonho foi possível através de Antônio Carlos de Moura com quem aprendeu o real significado de pátria.

José Raimundo Ribeiro da Silva (estudante da PUC-Campinas e PUC-São Paulo, de Filosofia e Religião; 1980): lembra de mesa redonda no centro de convivência com Dom Pedro Casaldáliga, Cacique Juruna, Padre Pedro Lisboa em um momento de euforia com a chegada dos exilados políticos após a anistia (causa da mesa redonda: apoio a que Juruna fosse à Rotterdam na Holanda falar sobre as injustiças cometidas com os povos indígenas no período militar, referentes aos direitos humanos; diz que Padre Paulo Lisboa fez apelo aos estudantes para que deixassem os grandes centros, que fizessem uma ruptura com a educação, e que fossem aprender com os Tapirapés, os Carajás, com o povo sertanejo; diz que apelo o tocou; Em 1983, trancou matrícula na PUC-Campinas e foi para o interior; explica porque aceitou convite para falar nessa mesa redonda: pede uma salva de palmas para o pessoal que trabalhou em São Felix, diz que é uma responsabilidade muito grande falar em nome deles e que, por isso, se recusou três vezes; diz que no Araguaia se adquire uma sabedoria que vem de muito longe; afirma que uma Igreja libertadora tinha que buscar uma educação libertadora; cita impacto da pedagogia Paulo Freire; reafirma fala de Eunice Dias de Paula sobre demanda da escola pelos indígenas; fala sobre confronto com a necessidade de um projeto de alfabetização amplo; pontua trabalhos da prelaia: educação, saúde, luta pela terra, nas aldeias; afirma que educação libertadora foi buscada de forma concreta; profissionalização de professores leigos em exercício em sala de aula; comenta sobre busca de concretização de uma universidade nessa realidade – proposta revolucionária em parceria com a Unicamp; diz que a grande novidade era

a licenciatura plena e parcelada; criação de uma escola cidadã, busca por um novo caminho para a educação; cita outros parceiros neste projeto; afirma que no Araguaia existe uma educação concreta, com seus impasses no dia-a-dia; comenta fortalecimento e lutas do Sintego – Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Goiás; diz que governo se apropriou do discurso sobre a construção de uma escola cidadã; desafio que se impõe: buscar um sentido para a praxis libertadora que é diferente do discurso do governo; cita Paulo Freire; explica porque se comete uma injustiça ao tratar os desiguais com igualdade; fala sobre repercussão da licenciatura plena e parcelada de leigos: Projeto Geração, Projeto Tucum e o Pró-Formação em Mato Grosso; reforça convite feito a ele quando jovem: o Araguaia é grande, o Centro-Oeste é grande, o Mato Grosso precisa de gente que quer construir o Brasil valorizando um povo de sabedoria; convida o público da palestra para dar um passo a frente e ir para o Centro-Oeste, para o Araguaia.

Manoel Carajá – Agradece a oportunidade de falar com os professores e autoridades presentes; homenageia Dom Pedro de Casaldáliga: diz que a história se faz com homens corajosos e fortes como ele; diz que a luta do índio começou com a saída e previsão do primeiro Carajá do Araguaia; coloca lutas atuais do povo Carajás: pela sobrevivência; afirma que a todos compete uma luta como parte da sociedade humana; afirma que no momento que se afeta qualquer componente do planeta Terra, se afeta a própria vida; fala sobre conseqüências das ações humanas e diz que o povo Carajás está lutando pela sobrevivência do Rio Araguaia; cita componentes do Rio Araguaia; fala de luta de preparação em 1983: preparar e defender os povos indígenas; conta que sentou na escola dos não-indígenas, que tem diploma de advocacia, mas que não lhe significa nada, porque o diploma de advogado faz com que as pessoas pensem em só ganhar dinheiro, enquanto que a vida fica para trás; fala sobre a falta de respeito com a vida: implantação da hidrovía Araguaia-Tocantins – degradação da biodiversidade do cerrado; diz que é necessária uma revisão de função como parte da humanidade; comenta sobre problemas na Ilha do Bananal e ausência do Ibama na região; diz que não entende o governo do homem branco; comenta sobre luta, existência de uma guerra constante; fala sobre a imprensa denegrindo imagem dos índios e a desmoralização das lideranças indígenas; cita situação no município de Luciara; diz que lutam para participar do crescimento do país; defesa atual: mostrar aos homens brancos o saber indígena; comenta emenda constitucional que busca se apropriar do conhecimento do índio; afirma que índios precisam ser fiscais dessa lei; questiona circunstância na qual o saber dos homens brancos pertencem a cada indivíduo, mas o saber do indígena deve pertencer à União; agradece aos que estão atentos ouvindo; conta que estão pensando em reunir todos os indígenas formados em assembléia, para evitar que eles sejam colocados contra o povo indígena no exercício de suas funções; diz que apesar dos indígenas serem de várias etnias, estão pensando em unificar a sua luta; explicita que a luta comum é pela preservação da vida, do meio ambiente; afirma que 11% do território brasileiro, que se denomina terras indígenas, está preservado; associa a luta dos indígenas com a luta de Dom Pedro Casaldáliga; convoca cada um dos presentes a participar dela; afirma que terra não é do governo ou do partido, mas dos homens; diz que não está incitando a pegar em armas, mas a trabalhar nessa luta.

- Anúncio do ato show em solidariedade e pela liberalização dos presos políticos do MST.
- Convite ao show de viola com Ivan Vilela.